

ANÁLISE COMPARATIVA DA METODOLOGIA DA CONAB E IMEA: UM ESTUDO DE CASO DO CUSTO DE PRODUÇÃO DO MILHO EM MATO GROSSO

¹Isabella Maria De Assunção Silva (UFMT) – isabella.silva4@sou.ufmt.br

²Jonas Da Costa Cruz (UFMT) – jonas.cruz@ufmt.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar comparativamente as metodologias de custeio utilizadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e pelo Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (IMEA) na mensuração dos custos de produção do milho em Mato Grosso. A investigação baseia-se em dados documentais, focando na safra 2023/2024 e abrangendo as regiões de Primavera do Leste, Sorriso e Campo Novo do Parecis. O estudo destaca a relevância da gestão de custos na produção agrícola e resalta a necessidade de avaliações detalhadas para otimizar a rentabilidade do setor. A coleta de dados foi realizada por meio dos sites do IMEA e da CONAB, que publicam periodicamente seus relatórios de custo de produção das principais culturas. A análise comparativa entre as duas instituições permitiu identificar semelhanças e diferenças em suas metodologias, classificando os custos em três categorias principais: Custo Variável, Custo Fixo e Renda de Fatores. A região de Sorriso apresentou o maior custo de produção segundo o IMEA (R\$ 6.208,87), enquanto para a CONAB foi Campo Novo do Parecis (R\$ 6.388,66). Os custos variáveis foram os mais significativos, alcançando 85% (CONAB) e 74% (IMEA) do custo total. Isso destaca a necessidade de controle eficiente dos insumos para aumentar a lucratividade e a sustentabilidade. Concluiu-se que, embora de forma limitada, ambas as metodologias podem servir como referência para apoiar a tomada de decisão sobre o cultivo do milho, oferecendo uma base comparativa entre os custos de produção estimados pelas instituições e aqueles apurados individualmente por cada empresa, mas vale destacar que as metodologias utilizadas por ambas as instituições não adotam integralmente as diretrizes estabelecidas pelas Normas Brasileiras de Contabilidade.

Palavras-chave: Custo de produção, Contabilidade de custos, CONAB, IMEA, Milho, Agronegócio.

ABSTRACT

This thesis aimed to analyze the different costing methodologies between the National Company of Food Supply (Conab) and the Mato-grossense Institute of Agriculture Economy (IMEA) in the costing of corn production in Mato Grosso. The study is based in documentary data, focus on 2023/2024 crop in the regions of Primavera do Leste, Sorriso e Campo novo do Parecis. This research highlights the importance of the cost administration in agriculture production and stand out the detailed estimate for maximize and profitability of the sector. The data was collected in the IMEA and CONAB sites. Both sites publish their main production cost report periodically. The comparative analysis between the two organization allowed to identify affinities and differences in their methodology, classifying the cost in three main

¹ Discente do Departamento de Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso

² Docente do Departamento de Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso

categories: variable cost, fixed cost and factors income. Sorriso region presented the biggest production cost according to IMEA (R\$ 6.208,87), while according to CONAB it was Campo Novo do Parecis (R\$ 6.388,66). The variable cost were the most significant, reaching 85% (CONAB) and 74% (IMEA) of the total cost. This results highlights the efficient control necessitates of the supplies to increase profitability and sustainability. It was concluded that, although in a limited way, both methodologies can serve as a reference to support decision-making regarding corn farming. They provide a comparative basis between the estimated production costs by the institutions and those calculated individually by each company. However, it's worth to highlight that the methodologies used by both institutions do not fully adopt the guidelines established by the Brazilian Accounting Standards.

Keywords: Production cost, Income accounting, CONAB, IMEA, Corn, Agribusiness.

3

³ Data da defesa: 11/04/2025.

Banca examinadora

Presidente da Banca/Orientador^{**} : Prof. Dr. Jonas da Costa Cruz.

Examinador 1^{**} : Prof. Dr. Adão Ferreira da Silva.

Examinador 2^{**} : Profa. Dra. Manuela Gonçalves Barros.

^{**}Docente do Departamento de Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso

^{**}Docente do Departamento de Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso

^{**}Docente do Departamento de Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso

1 INTRODUÇÃO

O agronegócio é um pilar da economia brasileira e um dos principais ativos comerciais que contribui para a balança comercial. No Brasil, o agronegócio corresponde a 23,8% do PIB Nacional de 2023, segundo o CEPEA (2023). Entretanto, o agronegócio ainda enfrenta diversos problemas estruturais, inclusive dentro da porteira, para melhorar o desenvolvimento da informação e dos dados, como por exemplo das práticas contábeis e gerenciais que são utilizadas.

Segundo Martins (2010, p. 13), a contabilidade de custo por muitos anos foi vista como uma forma de resolver problemas de mensuração monetária dos estoques e resultado, e não um instrumento de administração. Com isso, muitas empresas não apresentam um departamento de custo o que pode limitar a capacidade dessas entidades de tomar decisões baseadas em dados precisos de produção e rentabilidade. Essa situação também pode estar relacionada à falta de cultura contábil entre pequenos e médios produtores, que tendem a focar em técnicas mais simples de gestão. Segundo Barreto e Antonovz (2017), a falta de gestão empresarial adequada pode acarretar o insucesso de novos empreendimentos e o fechamento em até dois anos da empresa.

Martins (2010), destaca que a contabilidade de custo, antes só usada na avaliação dos estoques das indústrias, agora também pode ser usada para duas novas tarefas: controle e tomada de decisão. No agronegócio, em que os custos são sensíveis e a concorrência é global, controlar os custos para tomar as melhores decisões é fator fundamental para a continuidade empresarial.

A análise de custo é essencial por diversos motivos. Em primeiro lugar, ela fornece informações primordiais sobre o desempenho das atividades que vêm sendo realizadas e qual é a situação da rentabilidade da empresa. Por meio desses dados, é possível traçar um planejamento mais assertivo e pensar em detalhes, quais serão as próximas ações da organização, permitindo identificar, classificar, separar e controlar os custos de diversas atividades da cadeia produtiva. O desafio para as empresas agrícolas é compreender o valor da contabilidade de custos como uma ferramenta de gestão estratégica.

Desta forma, a análise de custo mostra-se uma medida eficaz no sentido de auxiliar de maneira significativa a saúde financeira e organizacional da empresa. Pela relevância, é essencial que essa análise seja feita com rigor e detalhamento, pois eventuais erros podem comprometer os resultados esperados, reduzindo a produtividade e, conseqüentemente, impactando os custos e lucros.

Com o avanço da globalização, a economia mundial tem se tornado cada vez mais integrada, de acordo com Krugman, Obstfeld e Melitz (2018) os transportes e a comunicação moderna têm tornado o mundo um lugar menor. O comércio internacional tem um impacto significativo nos preços das commodities, segundo Krugman, Obstfeld e Melitz (2018) o comércio de produtos agrícolas é a uma “peça-chave” no comércio mundial. O resultado são preços cada vez mais padronizados e altamente competitivos para as *commodities*. Conseqüentemente, a margem de lucro se torna reduzida, tornando o preço de tabelado pelo mercado um fator determinante para definição dos custos de produção e margem de lucro na venda dos produtos.

De acordo com Krugman, Obstfeld e Melitz (2018), “O modelo ricardiano demonstra que o comércio internacional é benéfico quando cada país se especializa na produção de bens para os quais possui vantagem comparativa, mesmo que um país seja menos produtivo em todas as atividades. Esse princípio mostra que os ganhos do comércio derivam das diferenças relativas nos custos de produção entre os países.”

Segundo Cepea (2024), o custo de produção é a soma dos valores de todos os recursos utilizados no processo produtivo e pode ser usado para avaliar a eficiência produtiva, conhecer

o nível tecnológico aplicado, gerenciar o empreendimento, identificar vantagens competitivas, estimar renda e rentabilidade, criar oportunidades de investimento, subsidiar o financiamento, apoiar a tomada de decisão e analisar o impacto dos insumos na produtividade.

No Brasil, há algumas instituições de que fornecem dados econômicos e de produção agropecuária, como a Companhia Nacional de Abastecimentos (CONAB) e o Instituto Mato-grossense De Economia Agropecuária (IMEA). Segundo a CONAB (2024), a Companhia é uma empresa pública, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e tem como papel executar as políticas agrícolas e de abastecimentos, fornecendo dados, análises de mercado e programas de apoio ao setor agropecuário. O IMEA é uma instituição privada sem fins lucrativos criada pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso (FAMATO), sua principal função é fornecer estudos econômicos e técnicos sobre o setor agropecuário, atuando como fonte de dados e análises sobre a produção agrícola do estado de Mato Grosso (IMEA, 2024). Segundo Da Silva, et al. (2016), as informações divulgadas pelo IMEA destacam os relatórios de custos relativos à produção agropecuária de Mato Grosso, com os relatórios é possível compreender a estrutura dos gastos com produção.

Apesar de diversas instituições publicarem informações sobre custos agrícolas, muitas empresas do setor também divulgam seus relatórios financeiros, incluindo os custos de produção. Um exemplo disso é a empresa SLC Agrícola S.A., que publica trimestralmente seu Relatório de Resultado Integrado. Ao comparar instituições públicas, privadas e empresas, nota-se que cada uma possui seu próprio método de avaliar e determinar o custo de produção. Isso levanta a questão de qual método é mais adequado.

O milho é uma das maiores produções no Brasil, é uma produção que cada vez mais está crescendo e se modernizando. O Brasil é um grande exportador mundial de diversas commodities, e se destaca com uma exportação global de milho, segundo a CNN BRASIL (2023) cerca de 31% de milho do mundo foi exportado pelo Brasil.

A produção de milho ainda enfrenta dificuldades, principalmente com o nível de competitividade do mercado mundial, um dos principais concorrentes do Brasil na produção de milho é o Estados Unidos. Além das dificuldades presentes no país, como a logística de escoamento desses grãos, infraestrutura, o aumento cada vez mais recorrente dos câmbios, que afetam principalmente a compra de insumos e matéria prima. Com isso, os agricultores estão cada vez mais interessados em controle dos seus gastos, para diminuição dos seus custos e aumento da lucratividade das empresas.

Nesse contexto, com o objetivo de contribuir para a ciência ao examinar as metodologias empregadas pelos principais meios de divulgação dos custos de produção agrícola do milho, a seguinte questão de pesquisa é formulada: Como são estruturadas as metodologias de custeio da CONAB e IMEA, e como essas divergências podem impactar o custo final de produção divulgado por essas instituições? Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a metodologia utilizada pela CONAB e IMEA na divulgação dos custos de produção da cultura do milho, comparando safra 23/24 das regiões de Primavera do Leste, Sorriso e Campo Novo do Parecis, destacando as diferenças principais e avaliando como essas influenciam o custo de produção final da cultura do milho em Mato Grosso.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, são apresentados os principais conceitos relacionados ao agronegócio, com ênfase na cultura do milho e na gestão de custos, destacando como essa gestão impacta diretamente o setor. Nessa etapa, são trazidas referências relevantes para fundamentar cada aspecto abordado. Em seguida, é descrita a metodologia utilizada, que serve de base para a análise dos dados e discussão dos principais resultados obtidos. Por fim, o trabalho apresenta as considerações finais, além de sugestões para pesquisas futuras, contribuindo para o aprofundamento do tema.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção fará uma contextualização sobre agronegócio, culturas do milho, gestão de custos e metodologia de custeio da CONAB e IMEA, entre outros conceitos que serão utilizados no decorrer da pesquisa.

2.1 AGRONEGÓCIO

O agronegócio é fundamental para economia da brasileira, em 2023 compôs cerca de 23,8% do PIB total do Brasil, segundo o Cepea (2023). Segundo o Cepea (2023), o agronegócio é responsável por metade das exportações no Brasil, e isso está ligado à alta produção agrícola existente em nosso país. Anos após anos, o agronegócio brasileiro bate recordes de produção, em parte por conta da constante modernização do campo.

Segundo a REHAGRO (2023), O agronegócio é um dos setores econômicos mais dinâmicos no Brasil, que gera riquezas e empregos, também conhecido como *agribusiness*, se refere a um conjunto amplo de atividades econômicas e comerciais, desde o insumo até máquinas agrícolas. O agronegócio está relacionado à produção, processamento, distribuição e comercialização de produtos agrícolas. Além de todos os segmentos do agronegócio, como os processamentos industriais dos produtos agrícolas, além da comercialização e distribuição dos produtos ao consumidor.

Segundo Heredia, Palmeira e Leite (2010), a expressão “agricultura ou agropecuária moderna” começou a ser substituída a partir dos anos 80, pela expressão “agroindústria” e começaram a surgir os CAI (Complexos Agroindustriais). O governo brasileiro é uns dos maiores contribuidores para modernização agrícola e pecuária, criando em 1973 a Empresa Brasileira de Agropecuária (EMBRAPA) vinculada ao MAPA, um segmento que desenvolve pesquisas para modernização no campo, aumento da produtividade e expansão da produção com menos impactos ambientais.

2.2 CULTURA DO MILHO

De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2019), o milho é uma planta pertencente à família das gramíneas (*Poaceae*). O milho é um dos grãos mais antigos da história alimentar mundial, derivado do México, segundo Cascudo (2004, p.97), o milho chegou ao Brasil antes mesmo da chegada dos colonizadores portugueses. Os povos indígenas utilizavam o milho em sua alimentação, mas no período colonial, o grão ganhou ainda mais relevância na alimentação de várias etnias e povos. O milho, que era um alimento essencialmente indígena, hoje é um dos pilares da agricultura moderna.

Em 1798, o economista Thomas Robert Malthus criou uma a Teoria Malthusiana da População, que aborda a relação entre o crescimento populacional e a disponibilidade de alimentos. De acordo, com essa teoria a população crescerá em uma progressão geométrica enquanto a produção de alimentos crescerá em uma progressão aritmética, isso resultaria em fome, pobreza e problemas sociais.

Com o avanço na modernização da agricultura, como a mecanização, fertilizantes químicos, sementes geneticamente modificadas (*OGMs*) e manejo hídricos eficientes permitiram o aumento em grande escala da produção de alimentos e com isso superando o crescimento populacional. Atualmente, o Brasil é chamado de “celeiro do mundo” devido à sua capacidade de produção agrícola, “O Brasil estabeleceu sua posição como o maior exportador mundial de diversas commodities, destacando-se com 56% das exportações globais de soja, 31% de milho, 27% de café, 44% de açúcar, 76% de suco de laranja, 24% de carne bovina e 33% de carne de frango.” (CNN BRASIL, 2023, online).

Atualmente, o milho é uma das principais culturas agrícolas no Brasil, ocupando a segunda posição entre os cereais mais produzidos no país. O Brasil é um dos maiores produtores de milho do mundo, ficando atrás dos Estados Unidos. Além da alimentação humana o milho também é utilizado para alimentação animal, produção de biocombustíveis e óleo, dentro outros usos. Com uma produção estimada em 119,81 milhões de toneladas para 2024/2025, segunda a CEPEA, anos após anos a área e a produção de milho têm crescido no Brasil. Mato Grosso, exportou 69% das exportações de milho em 2024.

2.3 GESTÃO DE CUSTOS

Nascida da contabilidade financeira, a contabilidade de custos surgiu devido à necessidade, no início da Revolução Industrial, de avaliar os estoques de produtos acabados nas indústrias, e foi para suprir essa necessidade que a contabilidade de custos foi desenvolvida, segundo Martins (2010).

O custo está diretamente relacionado à produção de um bem ou serviço ou produto, com isso temos custos diretos, que são facilmente identificados o produto ou serviço que esse custo será alocado, segundo Martins (2010), os custos precisa de uma medida de consumo, como: quilograma de produto consumido, horas de mão-de-obra utilizadas para que sua mensuração seja facilmente identificada ao seu objeto de custeio.

Já o custo indireto, que não facilmente identifica o produto ou serviço, mas é alocado de alguma forma no produto ou serviço final, utilizando alguns tipos de rateio (distribuição), “Precisam ser rateados ou alocados entre departamentos ou centros de custo, portanto, o custeio é realizado por meio de critérios subjetivos.” (Crepaldi, 2018, p. 3).

Os custos fixos são custos que não sofrem alteração com quantidade produzida, um exemplo desse custo é aluguel, em que seu valor não se altera mesmo com o aumento ou diminuição da produção de produto. E o quarto tipo de custo é o custo variável, são os custos que sofrem alterações em curto período e situações, e com a quantidade produzida. Conforme Braga (2009, p. 4), "o custeio variável considera a apropriação de todos os custos variáveis, diretos e indiretos, e tão somente variáveis, aos produtos, sendo que os custos fixos são alocados integralmente ao resultado do período"

2.4 CUSTO NO AGRONEGÓCIO

A agricultura tem sido um importante contribuidor no PIB brasileiro. Segundo o CEPEA (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) o setor agrícola emprega cerca de 26% dos trabalhadores no Brasil, cerca de 28,4 milhões de pessoas empregadas até o terceiro trimestre de 2024. Com essa tamanha importância e peculiaridade, tornou-se necessário a criação de uma contabilidade específica aplicada ao gerenciamento das propriedades rurais, segundo Da Silva, et al. (2016).

Martins (2010) afirma: “O conhecimento dos custos é vital para saber se, dado o preço, o produto é rentável; ou, se não rentável, se é possível reduzir os custos”. O agronegócio, análise de custo é essencial para se entender se as culturas produzidas são rentáveis ou não de serem plantadas. Sendo um ambiente altamente competitivo, pois os mercados são em sua maioria internacionais, a análise de custo auxilia os produtores a tomarem decisões mais assertivas e controladas.

Segundo Carneiro, Duarte e Costa (2015), a gestão de custo em empresas agrícolas abrange aspectos do processo produtivo e das atividades comerciais, com isso destaca que o custo de produção é uma excelente ferramenta de controle e gerenciamento das atividades produtivas e é fundamental para tomada de decisão das companhias agrícolas.

“Assim, dentre os objetivos de um sistema de custos, está o auxílio na administração e controle da unidade produtiva, permitindo ao administrador identificar as atividades de menor

custo, ou as mais lucrativas.” (Carneiro, Duarte e Costa, 2015, p. 7). O sistema de custeio pode ser determinante em várias situações, pois ele fornece informações primordiais para o produto sobre as culturas mais rendáveis, além de qual época que melhor se adequa aquele plantio, além de determina melhores períodos para compra de insumo e serviços.

Segundo a CONAB (2010), o custo de produção é uma excelente ferramenta também para formulação de estratégias para o setor público. O custo agrícola é muito discutido várias esferas de estudo, atualmente duas principais instituições que estudam esses números e publicam exemplares de análise do mercado econômico e a produção agropecuária nacional, CONAB e o IMEA.

A CONAB é uma empresa pública, vinculada ao MAPA e tem como papel executar as políticas agrícolas e de abastecimentos, fornecendo dados, análises de mercado e programas de apoio ao setor agropecuário. Já o IMEA é uma instituição privada sem fins lucrativos criada pela FAMATO, sua principal função é fornecer estudos econômicos e técnicos sobre o setor agropecuário, atuando como fonte de dados e análises sobre a produção agrícola do estado de Mato Grosso (IMEA, 2024).

Segundo Da Silva, et al. (2016), as informações divulgadas pelo IMEA destacam os relatórios de custos relativos à produção agropecuária de Mato Grosso, com os relatórios é possível compreender a estrutura dos gastos com produção. A USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) também uma fonte de dados econômicos e agrícolas dos Estados Unidos, que trazem também informações das produções agrícolas de todos os países produtores.

3 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa documental, que segundo Marconi e Lakatos (2003) pesquisa documental utiliza é um material ainda que não recebeu um tratamento analítico e podem ser utilizados segundo os objetivos da pesquisa. A pesquisa é documental, uma vez que utiliza dados extraídos dos relatórios de custos de produção do milho disponibilizados pelo IMEA situado no estado do Mato Grosso.

Segundo Gil (2008) em uma pesquisa comparativa visa identificar as semelhanças e as diferenças entre algo, com o objetivo de explicar as variações existentes. A pesquisa é comparativa, pois foi feita comparação entre a metodologia empregadas pelos principais meios de divulgação dos custos de produção agrícola, IMEA e CONAB. Além de ser uma pesquisa descritiva, pois descreve as metodologias para encontrar um resultado.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa e quantitativa, de caráter descritivo e comparativo. Segundo Gil (2008), uma pesquisa comparativa visa identificar as semelhanças e as diferenças entre algo, com o objetivo de explicar as variações existentes. Torna-se descritiva para descrever as metodologias para encontrar um resultado.

A análise foi realizada com base em dados secundários provenientes de relatórios da CONAB e do IMEA, tendo como foco a estrutura de custeio da cultura do milho no estado de Mato Grosso visando a safra de 2023/2024 das cidades de Primavera do Leste, Sorriso e Campo Novo do Parecis. A coleta de dados foi por meio do site do IMEA e CONAB, que publica seus relatórios do custo de produção periodicamente, das culturas cultivadas. Para melhor entendimento, foi solicitado às duas instituições, através de e-mail, a metodologia empregada para a estrutura do Custo de Produção fornecido nos sites.

Inicialmente, foi realizado o levantamento das metodologias empregadas pelas duas instituições para o cálculo do custo de produção, considerando os componentes de custos fixos, custos variáveis e outros fatores regionais relevantes. Em seguida, os dados foram estruturados

e comparados para identificar discrepâncias, similaridades e possíveis impactos na análise do custo de produção.

O IMEA apresenta em seus relatórios os custos de produção para treze regiões do estado de Mato Grosso, concentrando-se exclusivamente nessa área devido à sua atuação regional. Por outro lado, a CONAB disponibiliza dados abrangendo todas as regiões produtoras do Brasil. Para viabilizar uma análise comparativa, foi realizado um filtro para selecionar apenas as regiões de Mato Grosso. A comparação utilizou dados de três localidades — Primavera do Leste, Sorriso e Campo Novo do Parecis —, regiões em que ambas as instituições possuem informações em comum.

O IMEA e a CONAB adotam metodologias distintas para a estruturação dos custos de produção. No caso da CONAB, os grupos de custos são organizados da seguinte forma: “Despesas de Custeio da Lavoura”, “Outras Despesas” e “Despesas Financeiras” compõem, em conjunto, o Custo Variável. Já o Custo Fixo é formado pelos grupos “Depreciações” e “Outros Custos Fixos”. Por fim, a categoria “Renda dos Fatores” é apresentada separadamente, representando a remuneração dos fatores de produção próprios.

No caso do IMEA, conter três principais custos: COE – Custo Operacional Efetivo, COT – Custo Operacional Total e CT – Custo Total. No entanto, diferentemente da CONAB, o IMEA não adota explicitamente a divisão tradicional entre Custo Variável, Custo Fixo e Renda de Fatores. Diante disso, para fins comparativos neste estudo, foi realizada uma adaptação metodológica, especialmente com base nos componentes do COE, de modo a enquadrá-los nas categorias usuais de Custo Variável, Custo Fixo e Renda de Fatores. Essa adequação foi essencial para permitir uma análise mais alinhada com os conceitos da contabilidade de custos e possibilitar uma comparação direta entre as duas abordagens institucionais.

Quadro 1- Estrutura da reclassificação dos conceitos do custo da produção da IMEA

	CONCEITO	IMEA	CONCEITO IMEA
CUSTO VARIÁVEL	O custo variável é aquele cujo valor total é determinado e diretamente relacionado com a oscilação de um fator de custos estabelecido na produção e execução dos serviços. Ou seja, é o custo cujo valor total varia proporcionalmente à quantidade produzida ou ofertada pela entidade	A. CUSTEIO	É composto pelos gastos com insumos, combustível, serviços terceirizados e mão de obra, que estão relacionados diretamente com a produção.
		I. MÃO-DE-OBRA FAMILIAR	Valor que o agricultor receberia se contratasse outra pessoa para realizar seu trabalho diário na fazenda, representando a remuneração de sua mão de obra e não uma simples retirada de recursos da propriedade.
		E. PÓS-PRODUÇÃO	Engloba os custos de classificação, beneficiamento, armazenagem e transporte da lavoura até o destino de comercialização (armazém, trading, cooperativa ou armazém próprio), excluindo fretes, despesas portuárias e de exportação.
		C. IMPOSTOS E TAXAS	Incluem Funrural, Fethab I e II, ITR, contribuições para Facs/Agro e Ima-MT, ICMS, além de outras taxas como Contribuição Sindical, Sindicato Rural e IPVA.
		F. OUTROS CUSTOS	Englobam assistência técnica e consultoria, combustível para veículos utilitários usados no monitoramento das lavouras, despesas gerais como energia elétrica, contabilidade, assessoria jurídica, análise de solo, telefone, internet e licenças.

		D. FINANCEIRAS	Incluem juros de financiamentos, seguro da produção, e seguro de máquinas, equipamentos, benfeitorias e instalações, se houver.
CUSTO FIXO	O custo fixo é definido como aquele que não varia proporcionalmente ao volume de atividades desenvolvidas pela entidade, mantendo-se constante dentro de um intervalo relevante de produção	H. DEPRECIACÕES	O custo do desgaste de máquinas, implementos, equipamentos e benfeitorias, calculado com base em sua vida útil e valor residual, sendo rateado entre as culturas de acordo com o uso.
		B. MANUTENÇÃO	Custos de manutenção de máquinas, implementos, equipamentos, veículos utilitários e benfeitorias utilizados na cultura, calculados com base em coeficientes da Conab e Fundação ABC ou, quando não informados, utilizando taxas fixas sobre o valor novo e a vida útil dos bens
		G. ARRENDAMENTO	Arrendamento é o custo do arrendamento da terra, rateado entre as culturas com base na área de cada uma, caso o produtor não especifique a porcentagem a ser atribuída a cada cultura.
RENDA DE FATORES	A renda dos fatores fixos, considerada como remuneração esperada sobre o capital fixo e sobre a terra	J. CUSTO DE OPORTUNIDADE	Inclui o custo da terra (equivalente ao arrendamento na região para a área própria), o custo do capital circulante (taxa Selic sobre o custeio) e o custo dos investimentos em máquinas, equipamentos, benfeitorias (taxa Selic sobre o valor médio), rateados conforme o uso ou área.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IMEA (2025)

Ressalta-se que foi conduzida uma análise vertical, na qual cada item foi relacionado ao Custo Total de cada instituição. A análise considerou as particularidades da produção agrícola de milho em Mato Grosso. Por fim, os resultados foram discutidos, com o objetivo de avaliar a adequação e as limitações das metodologias analisadas.

4 RESULTADO E ANÁLISE

Neste capítulo, apresentam-se os resultados obtidos a partir da análise comparativa das metodologias de custeio empregadas pela CONAB e pelo IMEA. Busca-se identificar as principais semelhanças e diferenças entre os modelos adotados por ambas as instituições, classificando os custos em categorias. Assim, na primeira parte da análise, foi feita a comparação das duas metodologias e separados em seis grupos, sendo eles: Despesas do Custeio, Outras Despesas, Despesas Financeiras, Depreciações, Outros Custos Fixos e Renda de Fatores.

4.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Tanto o custo de produção da CONAB e do IMEA seguem uma normativa que as próprias instituições criaram para auxiliar o entendimento. As instituições utilizam terminologias próprias para classificar os componentes do custo de produção.

No caso da CONAB, por meio de sua Norma Metodológica do Custo de Produção, são apresentadas de forma detalhada as definições e os critérios utilizados para enquadramento nas

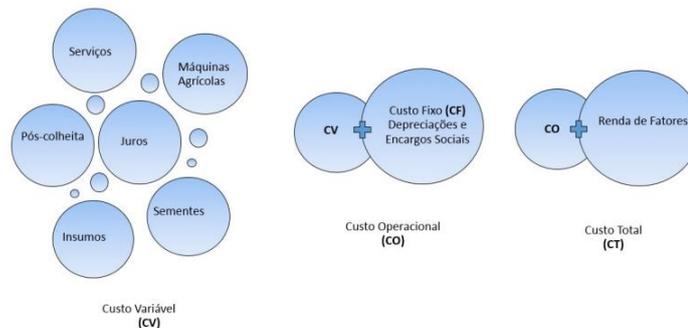
categorias: Despesas de Custeio da Lavoura, Outras Despesas, Despesas Financeiras, Depreciações, Outros Custos Fixos e Renda dos Fatores.

No caso do IMEA, a metodologia está presente em seu site e foi atualizada em 2020, com aprimoramento, a estrutura dos relatórios de Custo de Produção conter três principais custos: COE – Custo Operacional Efetivo, COT – Custo Operacional Total e CT – Custo Total, os quais são desagregados em vários subitens. O COE é analisado com o custo de produção a curto prazo, o COT como sendo o custo de produção a médio prazo e o CT como sendo o custo de produção a longo prazo.

Convém observar que a terminologia utilizada pelas duas instituições não segue uma definição tradicional de custos. Não seguem as Normas Brasileiras de Contabilidade (NBC), que fornecem diretrizes e padrões para a aplicação da contabilidade de custos, incluindo a identificação, mensuração, registro e análise dos custos.

Segundo a CONAB, a metodologia do cálculo de custo de produção contempla todos os itens dispêndio, explícitos ou não, que serão consumidos pelo produtor desde a correção e preparo do solo até a comercialização do produto. Conforme a Figura 1, abaixo, a separação do custo de produção está dividida em 3 partes: Custo Variável, Custo Operacional e Custo Total.

Figura 1: Discriminação do Custo de Produção



Fonte: CONAB (2024)

O Custo Variável é o agrupamento de componentes que ocorrem quando houver produção e pode ser mensurado diretamente. Com isso de acordo no CONAB o que se enquadra como custos variáveis são os itens de custeio, as despesas de pós-colheita e as despesas financeiras. O custeio abrange vários tipos de custo, como o custo com máquinas e aviação, mão de obra permanente e temporário, sementes e mudas, fertilizante, agrotóxicos, entre outros. As despesas de pós-colheita são as despesas com armazenamento, transporte externo, frete, beneficiamento, classificação. O CONAB considera apenas os juros do financiamento como despesa financeira.

Quando se fala em Custo Fixo, a CONAB considera todo elemento de despesa que dê suporte para o produto, independente do volume de produção. Para o CONAB, se enquadra nessa categoria a depreciações, encargos sociais, seguros do capital fixo, arrendamento e entre outros. E a junção do Custo Variável e Custo Fixo compõem o Custo Operacional. O Custo Total é composto pelo Custo Operacional mais a remuneração atribuída aos fatores de produção, sendo composto pela Remuneração esperada sobre o capital fixo e Terra Própria.

Com isso, ao analisar o custo de produto do CONAB e sua estrutura, que se divide em seis grupos principais, que se divide em alguns níveis, sendo o nível 1 de subgrupos e nível 2 seria um nível de detalhamento. Os grupos principais são: I - DESPESAS DO CUSTEIO; II - OUTRAS DESPESAS; III - DESPESAS FINANCEIRAS; IV – DEPRECIAÇÕES; V - OUTROS CUSTOS FIXOS; VI - RENDA DE FATORES.

Tabela 1- Estrutura de custos da produção agrícola conforme CONAB

DISCRIMINAÇÃO	Nível 1	Nível 2
I - DESPESAS DO CUSTEIO	1 - Operação com animal	
	2 - Operação com Avião	
	3 - Operação com máquinas:	3.1 - Tratores e Colheitadeiras 3.2 - Conjunto de Irrigação
	4 - Aluguel de Máquinas	
	5 - Aluguel de Animais	
	6 - Mão de obra	
	7 - Administrador	
	8 - Sementes e mudas	
	9 - Fertilizantes	
	10 - Agrotóxicos	
	11 - Receita	
	12 - Outros:	12.1 - Embalagens/Utensílios 12.2 - Análise de Solo 12.3 - Demais Despesas
	13 - Serviços Diversos	
TOTAL DAS DESPESAS DE CUSTEIO (A)		
II - OUTRAS DESPESAS	14 - Transporte Externo	
	15 - Despesas Administrativas	
	16 - Despesas de armazenagem	
	17 - Beneficiamento	
	18 - Seguro da Produção	
	19 - Seguro do crédito	
	20 - Assistência Técnica	
	21 - Classificação	
	22 - Outros	
	23 - CESSR	
TOTAL DAS OUTRAS DESPESAS (B)		
III - DESPESAS FINANCEIRAS	24 - Juros do Financiamento	
TOTAL DAS DESPESAS FINANCEIRAS (C)		
CUSTO VARIÁVEL (A+B+C=D)		
IV - DEPRECIACÕES	25 - Depreciação de benfeitorias/instalações	
	26 - Depreciação de implementos	
	27 - Depreciação de Máquinas	
TOTAL DE DEPRECIACÕES (E)		
V - OUTROS CUSTOS FIXOS	28 - Manutenção Periódica Benfeitorias/Instalações	
	29 - Encargos Sociais	
	30 - Seguro do capital fixo	
	31 - Arrendamento	
TOTAL DE OUTROS CUSTOS FIXOS (F)		
CUSTO FIXO (E+F=G)		
CUSTO OPERACIONAL (D+G=H)		

VI - RENDA DE FATORES	32 - Remuneração esperada sobre o capital fixo
	33 - Terra Própria
TOTAL DE RENDA DE FATORES (F)	
CUSTO TOTAL (H+I=J)	

Fonte: Adaptado de CONAB (2024)

Segundo o IMEA, a metodologia do cálculo de custo de produção contempla os gastos anualizados com fatores necessários para a produção agrícola em Mato Grosso. A metodologia foi aprimorada a partir de setembro de 2020 e a estrutura passou a conter três divisões: COE – Custo Operacional Efetivo, COT – Custo Operacional Total e CT – Custo Total, os quais são divididos em vários subitens.

O COE é o custo de produção à curto prazo e está dividida em sete subitens. O primeiro subitem seria o custeio, que abrange todos os itens relacionado diretamente com a produção, como: “Semente”, “Corretivo De Solo”, “Fertilizante”, “Defensivos”, “Operações Mecanizadas”, “Serviços De Terceiros” e “Mão De Obra”. Cada subitem do custeio tem seu próprio nível de detalhamento, o que torna o sistema do IMEA minucioso. O subitem “Manutenção” traz em seu detalhamento a “Manutenção de Máquina, Equipamento e Utilitários” e a “Manutenção Benfeitorias”. O subitem de “Impostos e Taxas”, “Financiamento”, “Pós-Produção”, “Outros Custos” e “Arrendamento”.

O COT é o Custo Operacional Efetivo envolve todos os desembolsos do produtor no ano, que abrange as “Depreciações” e a “Mão-de-obra Familiar” que seria o “Pró-labore”. O COT é visto como custo de médio prazo e é utilizado para muitas análises de viabilidade no médio prazo, pois leva em consideração, além dos desembolsos do produtor rural durante o ano, os custos de depreciação e pró-labore, que são importantes para o planejamento e renovação das máquinas, implementos e benfeitorias ao longo do tempo.

O CT é o Custo Total envolve o COT somado ao custo de oportunidade do dinheiro próprio que está sendo colocado no negócio, que abrange o “Custo de oportunidade”, que tem como subitem o “Custo de oportunidade de Terra”, “Capital Circulante”, “Benfeitorias” e “Máquinas, Impl., Equip. e Utilit”. O CT é importante a longo prazo, pois demonstra a vantagem do negócio em comparação a outras atividades, pois isso é considerado um custo a longo prazo.

Tabela 2- Estrutura de custos da produção agrícola conforme IMEA

TIPO	Nível 1	Nível 2
A. CUSTEIO	1. SEMENTES	Semente de Milho
		Semente de Cobertura
	2. FERTILIZANTES E CORRETIVOS	Corretivo de Solo
		Macronutriente
		Micronutriente
		Fungicida
	3. DEFENSIVOS	Herbicida
		Inseticida
		Adjuvante/Outros
	4. OPERAÇÕES MECANIZADAS (óleo diesel e lubrificantes)	Manejo Pré Plantio
		Adubação e Plantio
		Aplicações com Máquinas
		Aplicações com Avião
		Colheita
		Manejo Pós-colheita

	5. SERVIÇOS TERCEIRIZADOS	Serviços Terceirizados
	6. MÃO DE OBRA	Permanente
		Temporária
B. MANUTENÇÃO	Manutenção Máq. Equip. Utilit.	
	Manutenção Benfeitorias	
	Funrural	
C. IMPOSTOS E TAXAS	Fethab I	
	ITR	
	Outros Impostos e Taxas	
D. FINANCEIRAS	Financiamentos	
	Seguro da Produção	
	Seguro Máq. Equip. Utilit.	
E. PÓS-PRODUÇÃO	Classificação e Beneficiamento	
	Armazenagem	
	Transporte da Produção	
F. OUTROS CUSTOS	Assistência Técnica	
	Combustível Utilitários	
	Despesas Gerais	
G. ARRENDAMENTO	Arrendamento	
COE – Custo Operacional Efetivo	$(A + B + \dots + F + G)$	
	Depreciação Máquinas	
	Depreciação Implementos	
H. DEPRECIÇÕES	Depreciação Equipamentos	
	Depreciação Utilitários	
	Depreciação Benfeitorias	
I. MÃO-DE-OBRA FAMILIAR	Pró-Labore	
COT – Custo Operacional Total	$(COE + H + I)$	
	Custo de Oportunidade da Terra	
J. CUSTO DE OPORTUNIDADE	Capital Circulante	
	Máquinas, Implem., Equip. e Utilit.	
	Benfeitorias	
CT – Custo Total	$CT (COT + J)$	

Fonte: Adaptado de IMEA (2024)

Na Tabela 3, são abordadas as semelhanças entre as metodologias adotadas pelo CONAB e o IMEA. Apesar das convergências, existem diferenças relacionadas à terminologia e aos processos de cálculo dos custos de produção praticados por cada órgão.

Tabela 3- Estrutura de custos comparação CONAB e IMEA

CUSTOS	CONAB	IMEA
CUSTEIO LAVOURA	Operação com animal	
	Operação com Avião	Aplicações com Avião
		Adubação e Plantio
		Aplicações com Máquinas
	Operação com máquinas	Manejo Pré Plantio
		Colheita
		Manejo Pós-colheita

	Aluguel de Máquinas	
	Aluguel de Animais	
	Mão de obra	Mão de obra Permanente Mão de obra Temporária Pró-Labore
	Administrador	
	Sementes e mudas	Semente de Milho Semente de Cobertura
	Fertilizantes	Corretivo de Solo Macronutriente Micronutriente
	Agrotóxicos	Fungicida Herbicida Inseticida Adjuvante/Outros
	Receita	
	Outros	
	Serviços Diversos	Serviços Terceirizados
	Transporte Externo	Transporte da Produção
	Despesas Administrativas	
	Despesas de armazenagem	Armazenagem
	Beneficiamento	Classificação e Beneficiamento
	Classificação	
	Seguro da Produção	Seguro da Produção
	Seguro do crédito	
OUTRAS DESPESAS	Assistência Técnica	Assistência Técnica
	CESSR	Outros Impostos e Taxas
	Outros	Despesas Gerais Combustível Utilitários Manutenção Máq. Equip. Utilit. Funrural Fethab I ITR
DESPESAS FINANCEIRAS	Juros do Financiamento	Financiamentos Seguro Máq. Equip. Utilit.
DEPRECIAÇÕES	Depreciação de benfeitorias/instalações	Depreciação Benfeitorias Depreciação Equipamentos Depreciação Utilitários
	Depreciação de implementos	Depreciação Implementos
	Depreciação de Máquinas	Depreciação Máquinas
OUTROS CUSTOS FIXOS	Manutenção Benfeitorias/Instalações	Manutenção Benfeitorias
	Encargos Sociais	
	Seguro do capital fixo	
	Arrendamento	Arrendamento
RENDA DE FATORES	Terra Própria	Custo de Oportunidade da Terra Capital Circulante

Remuneração esperada sobre o capital fixo Máquinas, Implem., Equip. e Utilit.
Benfeitorias

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do CONAB e IMEA (2024)

De acordo com Da Silva, et al. (2016), a metodologia da CONAB estrutura os custos separando-os por sua natureza contábil e econômica. Os custos variáveis englobam despesas com custeio da lavoura, pós-colheita e encargos financeiros sobre o capital de giro. Os custos fixos incluem a depreciação do capital fixo, demais custos fixos da produção e a remuneração dos fatores terra e capital. Sob a perspectiva econômica, os custos são organizados em categorias de custos variáveis, fixos, operacionais e totais, conforme sua função no processo produtivo.

4.2 CUSTO DE PRODUÇÃO EM MATO GROSSO: ANÁLISE SEGUNDO IMEA E CONAB

Ao analisar os dados de Primavera do Leste para a safra 23/24, observa-se uma diferença na classificação dos custos entre o CONAB e o IMEA. O CONAB categoriza determinados gastos sob o conceito de "Despesa de Custeio". No entanto, para uma comparação abrangente, é necessário considerar conjuntamente os conceitos de "Custeio" e "Mão de Obra Familiar" do IMEA, com isso o COE do IMEA terá um aumento e o COT uma diminuição, logo o custo a curto prazo aumentou e o médio prazo diminuiu. O "Custeio" no IMEA inclui despesas com insumos, combustível, serviços terceirizados e mão de obra diretamente vinculada à produção. Por sua vez, a "Mão de Obra Familiar", tratada como Pró-Labore pelo IMEA — conceito que se aproxima das categorias "Mão de Obra" e "Administrador" utilizadas pelo CONAB.

Na análise vertical, ao relacionar a "Despesa de Custeio" com o Custo Total do produtor, verifica-se que o IMEA apresenta uma representatividade de aproximadamente 56%, enquanto no CONAB esse índice é de 49% com relação ao Custo Total. Para o IMEA, as "Outras Despesas", que englobam "Pós-Produção", "Impostos e Taxas" e "Outros Custos", representa cerca de 7% do Custo Total, enquanto para o CONAB esse índice é de 12%. Ao relacionar "Depreciação" com o Custo Total, o índice do IMEA representa 6% e do CONAB 8%.

O principal componente do custo do milho refere-se há Custo Variável, rubrica que reúne as "Despesas do Custeio", "Outras Despesas", "Despesas Financeiras", representando cerca de 63% (CONAB) e 68% (IMEA) do custo total do produtor. Outro expressivo componente do custo de produção do milho refere-se ao chamado "Renda de Fatores", que representa a "Terra Própria" e "Remuneração esperada sobre o capital fixo" e constitui 27% (CONAB) e 20% (IMEA), respectivamente do custo total observado. Enquanto o Custo Fixo representa 9% (CONAB) e 12% (IMEA) com relação ao Custo Total. Com isso, o Custo Variável é considerado o maior gasto com relação ao Custo Total do produtor. Vale destacar, que foi realizado uma análise vertical com relação de cada item com o Custo Total de cada instituição.

Tabela 4- Custo de Produção Primavera do Leste

DESC. CONAB	DESC. IMEA	CONAB	IMEA	%	%
DESPESAS DO CUSTEIO	CUSTEIO	2.896,42	3.289,89	49%	55%
	MÃO-DE-OBRA FAMILIAR		60,00		1%
	PÓS-PRODUÇÃO		214,80		4%
OUTRAS DESPESAS	IMPOSTOS E TAXAS	711,00	111,03	12%	2%
	OUTROS CUSTOS		84,23		1%
DESPESAS FINANCEIRAS	FINANCEIRAS	177,57	335,00	3%	6%
DEPRECIACÕES	DEPRECIACÕES	499,03	369,90	8%	6%

OUTROS CUSTOS FIXOS	MANUTENÇÃO	54,14	110,53	1%	2%
	ARRENDAMENTO		231,43		4%
REND A DE FATORES	CUSTO DE OPORTUNIDADE	1.622,85	1.189,59	27%	20%
CUSTO TOTAL		5.961,01	5.996,40	100%	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do CONAB e IMEA (2024)

Ao analisar os dados de Sorriso para a safra 23/24, observa-se, na análise vertical, que a "Despesa de Custeio" corresponde a 60% do Custo Total do produtor segundo o IMEA, enquanto no CONAB esse percentual é de 71%. As "Outras Despesas" representam aproximadamente 9% do Custo Total em ambas as instituições.

Em relação à "Depreciação", o IMEA apresenta um índice de 4%, enquanto o CONAB registra 6%. As "Despesas Financeiras" correspondem a 4% no IMEA e 6% no CONAB. O item "Outros Custos Fixos" apresenta 3% em ambas as instituições. Por fim, a "Renda de Fatores" representa 6% no IMEA e 18% no CONAB.

O Custo Variável, rubrica representa cerca de 85% (CONAB) e 74% (IMEA) do custo total do produtor. Outro expressivo componente do custo de produção do milho refere-se ao chamado "Renda de Fatores" constitui 6% (CONAB) e 18% (IMEA), respectivamente do custo total observado. Enquanto o Custo Fixo represente 9% (CONAB) e 8% (IMEA). Com isso, o Custo Variável é considerado o maior gasto com relação ao Custo Total do produtor.

Tabela 5- Custo de Produção Sorriso

DESC. CONAB	DESC. IMEA	CONAB	IMEA	%	%
DESPESAS DO CUSTEIO	CUSTEIO		3.634,20		59%
	MÃO-DE-OBRA FAMILIAR	3.802,48	75,01	71%	1%
OUTRAS DESPESAS	PÓS-PRODUÇÃO		228,90		4%
	IMPOSTOS E TAXAS	504,94	121,23	9%	2%
	OUTROS CUSTOS		178,89		3%
DESPESAS FINANCEIRAS	FINANCEIRAS	229,74	363,15	4%	6%
DEPRECIÇÕES	DEPRECIÇÕES	339,80	263,07	6%	4%
OUTROS CUSTOS FIXOS	MANUTENÇÃO	152,58	137,30	3%	2%
	ARRENDAMENTO		83,76		1%
REND A DE FATORES	CUSTO DE OPORTUNIDADE	298,29	1.123,36	6%	18%
CUSTO TOTAL		5.327,83	6.208,87	100%	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do CONAB e IMEA (2024)

Ao analisar os dados de Campo Novo do Parecis para a safra 23/24, observa-se, na análise vertical, a "Despesa do Custeio" é cerca de 48% (CONAB) e 59% (IMEA) do Custo Total. Já "Outras Despesas" compõem 10% (CONAB) e 7% (IMEA) do valor do Custo Total, a Despesas Financeiras" correspondem a 5% no IMEA e 2% no CONAB ". Com isso, o Custo Varável em Campo Novo do Parecis é cerca de 61% (CONAB) e 71% (IMEA) do Custo Total.

As "Depreciações" compõem cerca de 11% (CONAB) e 3% (IMEA) com relação ao Custo Total. O item "Outros Custos Fixos" apresenta 7% em ambas as instituições. Assim, o Custo Fixo equivale cerca de 18% (CONAB) e 10% (IMEA) com relação ao Custo Total. Por fim, a "Renda de Fatores" representa 19% no IMEA e 21% no CONAB. Em mais uma região, os dados indicam que o "Custo Variável" é o principal componente dos custos do produtor.

Tabela 6- Custo de Produção Campo Novo do Parecis

DESC. CONAB	DESC. IMEA	CONAB	IMEA	%	%
DESPESAS DO CUSTEIO	CUSTEIO	3.066,82	3.162,44	48%	59%
	MÃO-DE-OBRA FAMILIAR		30,00		1%
	PÓS-PRODUÇÃO		146,20		3%
OUTRAS DESPESAS	IMPOSTOS E TAXAS	664,60	100,26	10%	2%
	OUTROS CUSTOS		90,47		2%
DESPESAS FINANCEIRAS	FINANCEIRAS	155,21	277,25	2%	5%
DEPRECIACÕES	DEPRECIACÕES	724,77	181,14	11%	3%
OUTROS CUSTOS FIXOS	MANUTENÇÃO	424,13	196,39	7%	4%
	ARRENDAMENTO		150,16		3%
RENDA DE FATORES	CUSTO DE OPORTUNIDADE	1.353,13	1.043,10	21%	19%
CUSTO TOTAL		6.388,66	5.377,42	100%	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do CONAB e IMEA (2024)

A partir do relatório do IMEA é possível verificar que o Custos de Produção da região de Sorriso tem o maior custo total, cerca de 6.208,87. O relatório do CONAB, é possível verificar que o Custo de Produção da região de Campo Novo do Parecis compõe o maior custo, cerca de 6.388,66.

Tabela 7- Custo de Produção Total

CIDADES	CONAB	IMEA	% VARIAÇÃO
PRIMAVERA DO LESTE	5.961,01	5.996,40	-1%
SORRISO	5.327,83	6.208,87	-14%
CAMPO NOVO DO PARECIS	6.388,66	5.377,42	19%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do CONAB e IMEA (2024)

Ao analisar os dados fornecidos pelo CONAB, a região Sorriso possui o maior Custo Variável e compõem cerca de 85% do Custo Total da região.

Tabela 8- Custo de Variável CONAB

CIDADES	CUSTO VARIÁVEL	CUSTO TOTAL	%
PRIMAVERA DO LESTE	3.784,99	5.961,01	63%
SORRISO	4.537,16	5.327,83	85%
CAMPO NOVO DO PARECIS	3.886,63	6.388,66	61%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do CONAB (2025)

Enquanto os dados do IMEA, traz que o maior Custo Variável está também na região de Sorriso e compõem cerca de 74% da composição do Custo Total.

Tabela 10- Custo de Variável IMEA

CIDADES	CUSTO VARIÁVEL	CUSTO TOTAL	%
PRIMAVERA DO LESTE	4.094,95	5.996,40	68%
SORRISO	4.601,38	6.208,87	74%
CAMPO NOVO DO PARECIS	3.806,63	5.377,42	71%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IMEA (2025)

Foi realizada uma análise vertical do Custo Variável Total apurado por cada instituição, em relação ao Custo Total nas regiões de Primavera do Leste, Sorriso e Campo Novo do Parecis. Os dados indicam que o Custo Variável representa a maior parcela dos custos totais do produtor, evidenciando sua relevância no planejamento financeiro agrícola. Se deve, principalmente, à influência direta de fatores como insumos (fertilizantes, sementes, defensivos) e mão de obra, os quais são sensíveis às oscilações de mercado e à sazonalidade da produção.

Como Custo Variável é composto por insumos e serviços, as variações entre as regiões podem ser causadas pelo fator localização. Segundo Carneiro (2019), quando há diferenças muito acentuadas entre diversas regiões sugerem que o fator localização é um importante determinante dos custos e esse efeito está associado, principalmente ao custo de transporte dos insumos, que implica em um grande esforço logístico para transportar até a área de consumo.

Outros fatores importantes, seria a qualidade do solo, a quantidade de chuva e o clima da região, pois essas características irão determinar os valores gastos para melhoria do solo, definição de semente, fertilizante e defensivos utilizados em cada situação, além de indicar qual a época de plantio e qual tipo de manejo e cultivo de solo será usado em cada região.

Assim, compreender a composição do Custo Variável torna-se fundamental para a tomada de decisões estratégicas, especialmente no que diz respeito à eficiência operacional, à margem de lucro e à capacidade de negociação do produtor. Além disso, essa análise permite identificar potenciais oportunidades de redução de custos e de melhoria na alocação de recursos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar as metodologias empregadas pelos principais meios de divulgação dos custos de produção agrícola do milho em Mato Grosso, com foco na comparação entre as metodologias utilizadas pela CONAB e pelo IMEA para a safra 2023/2024, nas regiões de Primavera do Leste, Sorriso e Campo Novo do Parecis.

Ambas as instituições são referências no Brasil pelos seus estudos voltados para o agronegócio, especialmente quando se trata de informações sobre custeio, análise de mercado e preço de venda, entre outros dados cruciais. O custo de produção dessas instituições é amplamente utilizado na análise de viabilidade de plantio e para compreender o funcionamento do mercado. Profissionais como agrônomos, agricultores, profissionais contábeis de empresas agrícolas e pesquisadores recorrem a esses dados em seus estudos e análises.

Para os profissionais de empresas agrícolas, é essencial conhecer esses dados, que servem como ferramenta de comparação com os custos de produção de suas próprias empresas. Além disso, é importante validar se o custo de produção está alinhado com as referências do mercado. Caso existam discrepâncias, o profissional pode adotar medidas para ajustar seus processos e reduzir o custo do produto. Esses dados são fundamentais, pois possibilitam que o profissional agrícola identifique, em detalhes, onde seus custos se diferem da média do mercado e, assim, implemente estratégias para diminuir suas despesas, o que pode até resultar em maior lucratividade para o produto.

A análise comparativa entre as duas instituições possibilitou a identificação de semelhanças e diferenças em suas metodologias, possibilitando a classificação dos custos em três categorias principais: Custo Variável, Custo Fixo e Renda de Fatores. Essa estruturação dos dados contribuiu para uma leitura mais clara e uma compreensão aprofundada das divergências entre os métodos adotados. Vale destacar que mesmo analisando as mesmas regiões, as rubricas apresentaram valores distintos entre as metodologias.

A análise comparativa entre as metodologias de custeio da CONAB e do IMEA permitiu identificar diferenças significativas na forma como os custos são estruturados e categorizados. Enquanto a CONAB adota um modelo mais sintetizado, o IMEA apresenta uma estrutura mais detalhada dos custos de produção. Apesar dessas diferenças, ambas as instituições

desempenham um papel essencial na disseminação de informações sobre o setor agropecuário, auxiliando produtores e gestores na tomada de decisão.

O Custo de Produção da região de Sorriso é o maior, segundo o relatório do IMEA, com cerca de 6.208,87 e para o CONAB seria Custo de Produção da região de Campo Novo do Parecis, com cerca de 6.388,66. Os resultados evidenciaram que os custos variáveis são os principais componentes dos custos totais de produção do milho, na região de Sorriso tanto os dados fornecidos pelo CONAB como do IMEA, apontaram a região com o maior Custo Variável, com percentuais em relação ao Custo Total altíssimos, cerca de 85% (CONAB) e 74% (IMEA). O que reforça a importância de um controle eficiente dos insumos para garantir maior lucratividade e sustentabilidade das atividades agrícolas.

O estudo também sugere que a adoção de critérios padronizados para mensuração dos custos poderia contribuir para uma análise mais uniforme e comparável dos dados, proporcionando melhores subsídios para decisões estratégicas no setor. Conclui-se que tanto a CONAB quanto o IMEA desempenham um papel crucial ao fornecer dados que auxiliam na compreensão dos custos de produção.

Ambas as metodologias podem servir como referência para apoiar a tomada de decisão sobre o cultivo do milho, oferecendo uma base comparativa entre os custos de produção estimados pelas instituições e aqueles apurados individualmente por cada empresa. De acordo com Da Silva, et al. (2016), o relatório do IMEA com suas classificações é usado mais para fins agronômicos já que a estrutura do relatório não segue preceitos gerenciais de contabilidade.

Convém observar que a terminologia adotada tanto pela CONAB quanto pelo IMEA não segue os conceitos tradicionais da contabilidade de custos. Nenhuma das instituições adota integralmente as diretrizes estabelecidas pelas Normas Brasileiras de Contabilidade (NBC), as quais orientam a identificação, mensuração, registro e análise dos custos de maneira sistemática e padronizada.

Dessa forma, é essencial destacar que as metodologias propostas pela CONAB e pelo IMEA têm caráter voltado predominantemente para fins estatísticos, de pesquisa e análise setorial. Elas não devem ser aplicadas diretamente como métodos de custeio para o cálculo contábil do custo de produção nas empresas. Para esse propósito, recomenda-se a adoção de metodologias reconhecidas e aceitas pelas normas contábeis brasileira, a fim de assegurar maior precisão nos resultados, confiabilidade na informação contábil e conformidade com as exigências tributárias.

Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se aprofundar a investigação sobre o impacto das variações regionais nos custos de produção, explorar possíveis integrações entre as metodologias das duas instituições e além de desenvolver estudos que comparem as duas metodologias com os métodos de custeio utilizados no Brasil, como o custeio por absorção, custeio ABC, custeio padrão, entre outros.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. F.; ANTONOVZ, Tatiane. **A influência da falta de gestão adequada de custos no encerramento das empresas no Brasil**. Publicado em: 31 maio 2017.

BRAGA, A.; KRONBAUER, C. A.; BRAGA, D. P. G.; OTT, Ernani. **Gestão de custos, preços e resultados: um estudo empírico em indústrias de conservas**. Acesso em: 27/01/2025.

CARNEIRO, D. M., Duarte, S. L., & Costa, S. A. (2019). **Determinantes dos custos da produção de soja no Brasil**. Custos e @gronegocio on-line, 15(1), 43-66.

CASCUDO, L. d. C. **História da alimentação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **AGRONEGÓCIO: conceito e evolução**. Piracicaba: ESALQ/USP, 2022. Disponível em: https://cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/agro%20conceito%20e%20evolu%C3%A7%C3%A3o_jan22_.pdf. Acesso em: 18 dez. 2024.

CNN BRASIL. **Brasil virou “celeiro do mundo” e já lidera exportações mundiais de sete alimentos, diz BTG**. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/brasil-virou-celeiro-do-mundo-e-ja-lidera-exportacoes-mundiais-de-sete-alimentos-diz-btg/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (Conab). **Custos de produção agropecuária**. Disponível em: https://www.conab.gov.br/images/arquivos/normativos/30000_sistema_de_operacoes/30.302_Norma_Metodologia_de_Custo_de_Producao.pdf. Acesso em: 29 jan. 2025.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Norma metodologia do custo de produção: sistema de operações**: subsistema de gestão de informações e conhecimento. Código 30.302. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/custos-de-producao?view=default>. Acesso em: 26 set. 2024.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Perguntas frequentes**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/perguntas-frequentes#:~:text=A%20Companhia%20atua%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o,atenuar%20as%20oscila%C3%A7%C3%B5es%20de%20pre%C3%A7os>. Acesso em: 26 set. 2024.

CREPALDI, S. A.; CREPALDI, G. S. **Introdução à Contabilidade de Custos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

DA SILVA, M. C.; ANZILAGO, M.; TONIN, J. M. F.; SCARPIN, J. E. **Estudo Comparativo entre os Métodos de Custeio Absorção Aplicados na Produção do Milho no Estado do Mato Grosso**. Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Custos - ABC, Porto de Galinhas, PE, nov. 2016, Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/4123>. Acesso em: 5 nov. 2024.

FUNDAÇÃO GETÚLIO ITAPUÃ (FGI). **Conheça os 3 setores do agronegócio**: primário, secundário e terciário. Disponível em: <https://www.fgi.edu.br/post/conheca-os-3-setores-do-agronegocio-primario-secundario-e-terciario#:~:text=Esse%20setor%20%C3%A9%20composto%20por,de%20animais%20e%20a%20pesca>. Acesso em: 24 jul. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sérgio Pereira. Sociedade e economia do "agronegócio" no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 25, n. 74, p. 159-176, 2010. Disponível em: SciELO. Acesso em: 18 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção da pecuária municipal**. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html>. Acesso em: 23 jul. 2024.

INSTITUTO MATO-GROSSENSE DE ECONOMIA AGROPECUÁRIA (IMEA). **Custos – Custo de produção**: metodologia de cálculo. Cuiabá, 2020. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.imea.com.br/imea-site/view/uploads/metodologia/custos/CustosCustoProducao2020.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

INSTITUTO MATO-GROSSENSE DE ECONOMIA AGROPECUÁRIA (IMEA). **Quem somos**. Disponível em: <https://www.imea.com.br/imea-site/quem-somos>. Acesso em: 26 set. 2024.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J. **Economia Internacional**: teoria e política. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018.

MARCONI, M. d. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. São Paulo: Atlas, 2010.

REHAGRO. **Agronegócio no Brasil**: qual o seu papel e importância? 2023. Disponível em: <https://rehagro.com.br/blog/agronegocio-no-brasil-qual-o-seu-papel-e-importancia/>. Acesso em: 18 dez. 2024.